

## Reflexões Epistemológicas acerca do Labor do Pesquisador em Comunicação<sup>1</sup>

Rodrigo Severo RODEMBUSCH<sup>2</sup>  
Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter)

### Resumo

Este artigo tem como ponto de partida as problematizações sobre a natureza epistemológica, bem como a construção do conhecimento científico e outros saberes. É uma reunião de pensamentos que buscam compreender, questionar e tensionar a própria constituição do pensamento, as epistemologias contemporâneas e alguns paradigmas da comunicação.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Pesquisa; Comunicação.

### Introdução

Um processo de reflexão sobre a própria ciência não se apresenta como um caminho fácil de ser trilhado pelo acadêmico. São diversas as possibilidades de perspectiva ou de direções que o leitor, guiado por esse ou aquele autor, pode tomar. Falsas rotas, retornos ao ponto de partida, becos sem saída ou andar em círculos são realidades que se apresentam quando se pretende compreender fenômenos à luz de um único autor ou de uma única linha de raciocínio, por exemplo. Dentro dessa perspectiva, Carvalho e Lage lançam três perguntas: “Diante de tantos caminhos teóricos possíveis, qual o mais adequado? Um único aporte teórico é suficiente para lidar com determinados objetos? Se adotarmos mais de uma perspectiva teórica para explicar um mesmo objeto, quais são as possibilidades de que elas se mostrem impertinentes?” (2012, p.5)

Com relação à Comunicação, Rodrigo (1989) e Wolf (1995) já dão algumas pistas, pois concordam com a visão de que é impossível construir uma teoria única que explique todos os fenômenos comunicacionais dada a complexidade do campo. Então, a partir do exposto, parte-se para uma série de reflexões sobre essa jornada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em International Media Studies pela Deutsche Welle (Bonn-Alemanha). Professor do Centro Universitário Ritter dos Reis, email: r.rodembusch@gmail.com

epistemológica que deve se fazer presente no universo da pesquisa e, a partir desse exercício, talvez, aproximar-se de algumas possíveis respostas.

### Questões epistemológicas

Um ponto de partida fundamental é que nenhum paradigma é completo e absoluto – capaz de responder a todas as demandas e questionamentos de uma pesquisa; daí a necessidade de diversos olhares e a necessidade de uma constante reflexão enquanto pesquisador, construtor de conhecimento. Se os saberes são construídos em diálogo direto e constante com as diferentes realidades – internas e externas – que os cercam, é preciso libertar a pesquisa das ortodoxias, dos engessamentos ainda presentes na contemporaneidade. Nesse cenário, as visualizações multicontextuais devem se fazer presentes. Segundo Maldonado, “é necessário observar e experimentar em perspectivas multifocais” (2013, p.39). E o pesquisador é elemento-chave nesse processo.

Morin, que buscou compreender a aquisição do conhecimento a partir de uma perspectiva bioantropossocial, também atribui às dimensões *biológica* e *psíquica*, inerentes ao ser humano, posição de destaque neste processo, pois “nossas interpretações da realidade não são independentes dos nossos psíquicos profundos, os quais estão por sua vez em interdependência com os nossos estados bioneurocerebrais” (1986, p.121). O pensador francês convida ao exercício de uma jornada para dentro do homem em que um dos contextos que atuam no processo de produção de conhecimento é a própria complexidade humana que, de uma maneira ou de outra, se mostrará presente mais ou menos intensamente no saber produzido. Para o autor,

podemos desde já admitir que os desejos, medos, fantasmas se infiltram nas ideias que julgamos mais puras; que arquétipos profundos moldam sem nós sabermos as novas visões de mundo; que as experiências primordiais da primeira infância contaminam profundamente a relação de cada qual com o conhecimento (1986, p.122)

Ainda dentro do saber produzido, Habermas é trazido para esse diálogo porque apresenta uma constatação relevante para o universo da pesquisa e sua relação com a contextualização e que pode ter desdobramentos significativos. Para o alemão, um conhecimento “apenas em pretensões de validade que, de modo contextualmente não específico, embata em toda a extensão do espectro de validade da práxis do cotidiano,

desequilibra a infraestrutura comunicacional do mundo da vida” (1989, p.312). É nesse sentido que diversos autores incorporam um discurso quase uníssono de atenção às relações multidimensionais de uma investigação.

Maldonado (2013) ressalta que as diferentes tramas da contemporaneidade demandam uma investigação científica que responda a essa realidade, isto é, com uma concepção transmetodológica. O autor apresenta, dentro de um cenário comunicacional atual, onde o digital se faz presente, a necessidade, então, de multidimensionalidades e de uma compreensão inter e transdisciplinar; temática, essa, também aprofundada pelos Mattelart (2004), que investigaram diversas áreas do saber e como elas operam no pensamento produzido na área da Comunicação na França.

Agrega-se ao pensamento dos autores supracitados, Carvalho e Lage (2012), na medida em que apresentam uma das condições que têm relação direta com a pluralidade de aportes teóricos na Comunicação: a interdisciplinaridade<sup>3</sup>. Para Martino, a dúvida que fica é se a comunicação é um único saber ou um campo com diversos atravessamentos. A última opção transforma a comunicação em um “campo interdisciplinar, no qual se impõem certas pressões” (2001, p.80). Maldonado conclui ao destacar que todo esse cenário demanda a “formulação de estratégias e modelos metodológicos adequados ao desafio de compreender sua complexidade” (2013, p.22). Martino é claro e direto ao apresentar a relação causa-consequência. Para ele, “se a extensão do campo excede os esforços de uma disciplina apenas, dar conta desse campo significa, então, que o mesmo será atravessado por vários saberes” (2001, p.89).<sup>4</sup>

Partindo da premissa de que um foco unilateral produz limitações significativas, a Epistemologia, como uma práxis necessária à toda processualidade de pesquisa, demanda flexibilidade, isto é, outras vozes que vão ao encontro e de encontro das formulações de pensadores que se debruçam sobre a reflexão do conhecimento científico. Não só o que compactua com uma linha de pensamento, mas o que diverge dela, deve também integrar a perspectivação teórica de uma investigação. Morin (1986) resume essa ideia ao afirmar que o que parece ser fruto da controvérsia é, na verdade, complementar. Os aspectos contraditórios enriquecem a problemática, complexificam os problemas a serem investigados. Nesse sentido, Morin acredita que “só o pensamento complexo nos permitirá civilizar nosso conhecimento” (2006, p.16), uma alusão à

<sup>3</sup> Martino (2001, p.80) compreende a interdisciplinaridade de duas formas: a reunião de diferentes disciplinas científicas que se debruçam sobre um único objeto ou a constituição de uma única disciplina científica com um objeto de estudo a partir de vários campos.

<sup>4</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

indispensabilidade de um exercício que considere uma multi-versalidade em detrimento a uma uni-versalidade.

Dessa forma, não se pensa Epistemologia como uma dimensão abstrata. Ela deve ser pensada como dimensão que atravessa as dimensões que compõem a pesquisa. Precisa ser aberta e em conexão com os objetos empíricos. Santos (2006) considera que essas fronteiras são regiões dinâmicas e que permitem entradas e saídas. Por isso, a necessidade de se formular perguntas e gerar problemáticas que sejam relevantes e que olhem para seus diversos elementos constitutivos. No caso específico da Comunicação, a saber, é importante considerar sua multidimensionalidade e complexidade com seus diferentes atravessamentos e, por esse motivo, o semestre que passou foi muito rico na diversidade de autores que buscam entender e provocar o pensamento crítico no que tange a área. É necessário que exista este processo reflexivo sofisticado acerca das várias dimensões da produção de conhecimento. Conforme Gortari,

a ciência descreve as diversas formas em que se manifestam os processos existentes, distingue as fases sucessivas e coexistentes observadas no desenvolvimento dos mesmos processos, desvenda suas ligações internas e suas conexões com outros processos, expõe as ações recíprocas entre os processos e encontra as condições e os meios necessários para permitir a intervenção humana no curso dos próprios processos (1956, p.11).<sup>5</sup>

Dessa forma, quando trabalhamos epistemologicamente estamos questionando possibilidades de observações<sup>6</sup>, problematizando cenários, conceitos, fenômenos etc., bem como afirmou Gortari ao referir-se a *fases coexistentes* e *conexões*, isto é, que ocorrem simultaneamente, que se entrecruzam e dialogam entre si. Eis um ponto de destaque - os contextos e a contextualização que atravessam e são elementos constituidores das problemáticas que envolvem os objetos de estudo. Eles são múltiplos, não são/estão isolados ou fragmentados, não são elementos externos. Ignorar dimensões constituintes, isto é, isolar o pensamento, segundo Morin (1986) pode levar à cegueira – entendida como a falta de visão para elementos importantes – ou ao delírio – entendido como aceitação de uma única perspectiva que possa responder aos questionamentos científicos propostos, ignorando outros fatores.

<sup>5</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

<sup>6</sup> Observações estas que precisam sempre de (um ou mais) método(s) e não a observação pela observação, sem uma metodologia. Conforme Carvalho e Lage “o campo comunicacional não pode estar sujeito a uma única diretriz metodológica ou a uma pretensão de unidade teórica” (2012, p.3).

Bordieu reforça a ideia da construção do objeto científico e sua relação com a “sociologia espontânea” (1999, p.47), ou senso comum<sup>7</sup>. Para o autor, é importante compreender seu papel na confecção do que se pretende investigar. Autores como Japiassu (1991, p.70) e Santos (1989, p.40) são claros, como Bordieu (1999), quanto à relevância do senso comum, mas salientam, entretanto, que não deve ser o único elemento a ser considerado em uma pesquisa séria e profunda. Lima (1975), ao utilizar o exemplo específico da cultura de massa, também destaca a relação entre senso comum e investigação científica:

Uma coisa é sua valorização inconsciente, referida à sua espécie – a qual recebe a nota reservada para seu continente inteiro – outra coisa é a análise consciente, objetiva, científica ou propensamente científica de produtos seus. Devemos ter nitidamente em conta estes dois planos, pois, em caso contrário, confundiremos prenoções com noções e julgaremos com seriedade científica formulações derivadas de expectativas inconscientes” (1975, p.23)

O que se percebe é um emaranhado de relações de causa-consequência que podem afetar uma construção sólida de pesquisa justamente quando esse aspecto não é levado em consideração. Se é possível afirmar que o objeto, a partir das reflexões anteriores, pode mudar de acordo com recortes e contextos, é certo que o objeto empírico é sempre construído, diferente da herança positivista<sup>8</sup> que vê o objeto como algo dado. Carvalho e Lage reforçam a questão do objeto como produto de uma construção, uma vez que são “construtos que adquirem significado e podem ou não ser pertinentes à medida que são articulados em torno da tríade teoria-empíria-análise, processo que envolve a interação com o pesquisador” (2012, p.3).

Ainda na mesma linha de raciocínio, a teoria bachelardiana vai ao encontro do que pensa Bosi quando afirma que “para um espírito científico, todo o conhecimento é uma resposta a uma questão. Se não houver questão, não pode haver conhecimento científico. Nada é natural. Nada é dado. Tudo é construído” (2001, p. 166). Gortari ressalta ainda que “nos encontramos em uma trama infinita de conexões e de influências

<sup>7</sup> Segundo Lima (1975, p.17-18), “para fugir à ‘sociologia espontânea’ e adquirir *status* de cientificidade, a sociologia necessita praticar o princípio da não consciência, i.e., privilegiar aspecto ou esquema existente abaixo da transparência dos fenômenos”.

<sup>8</sup> Maldonado (2013, p.48) aborda a questão da presença de traços positivistas nas investigações científicas da contemporaneidade e suas consequências para o campo da pesquisa e ressalta que “um dos problemas gerais existentes nos modelos contemporâneos é a hegemonia do paradigma positivista de ciência, que ignora o valor epistêmico central das ciências sociais, humanas e das epistemologias não formais (sociologia da ciência; história da ciência e filosofia da ciência)”. O mesmo autor ressalta que “o triunfo conjuntural do modelo funcionalista/positivista constitui um contexto hegemônico muito difícil de ser superado” (2008, p.158)

recíprocas”<sup>9</sup> (1956, p.18). Bosi segue contribuindo para a reflexão acerca da investigação científica. Segundo a autora, “a consciência se enfraquece quando se dobra à realidade sem tensão; é preciso desprezar a verdade das coisas por um esforço” (2003, p. 123). O risco que se corre, conforme Bosi, é o de “sofrer um processo de facilitação e de inércia” (2003, p.115), o que remete, mais uma vez, à necessidade de um sujeito consciente frente a sua pesquisa, questionador e pronto para superar obstáculos.

Por isso, a construção do conhecimento demanda cautela, atenção, principalmente com respostas que chegam aos investigadores fáceis demais, simples, que os levam a aceita-las como são, sem nenhuma reflexão. O diferente, o novo e o imprevisto devem ser levados em consideração. Nessa configuração, como se trata de um processo dinâmico e sem a aplicação simples de modelos já dados ou pré-estabelecidos, é preciso atentar também, segundo Santos (2006), o caráter de imprevisibilidade da pesquisa.

Outro ponto que merece atenção é trazido por Haller ao afirmar que “a humanidade tem achado mais fácil admitir novas ideias, se elas vierem sob a máscara da tradição do que com a consciência de uma ruptura total com formas de pensamento existente” (1990, p.17). Mais uma vez, o processo reflexivo, questionador se faz necessário. Por que, segundo o autor, o *novo* conhecimento é mais difícil de ser aceito e para tal precisa revestir-se do conhecimento *já* conhecido? Há uma preguiça intelectual ou acomodação pelo *novo* conhecimento? O rompimento é sempre traumático no que diz respeito ao diferente? Que papel tem o *eu* nesse processo?

Quando se trata de avanço científico, Kuhn (1987) explica que a ciência vive períodos alternados de crescimento. Como em um ciclo, paradigmas<sup>10</sup> vigentes atenderão às demandas de uma coletividade científica até que seja colocado à prova, isto é, questionado, problematizado à luz de novos elementos. Cassirer complementa que “cada época possui um sistema fundamental de conceitos e premissas gerais” (1993, p.7)<sup>11</sup>, através do qual todo um sistema de produção de conhecimento se assenta. É esse conjunto que é tensionado ao confrontar novos paradigmas. É, então, por intermédio da revolução científica que um velho referencial paradigmático é substituído por outro

<sup>9</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

<sup>10</sup> Kuhn entende como paradigma “as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (1987, p.13). Já Morin (1987, p.150) compreende que o paradigma é constituído por uma relação específica e imperativa entre as categorias ou noções-chave no seio de uma esfera de pensamento, e comanda esta esfera de pensamento determinando a utilização da lógica, o sentido do discurso, e finalmente a visão do mundo”.

<sup>11</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

novo. Por revolução, o físico e filósofo americano entende como “episódios extraordinários nos quais ocorre alterações de compromissos profissionais” (KUHN, 1987, p.25). Os Mattelart (2004), ao apresentarem um panorama sobre questões sociais e políticas e que levam à reflexão sobre a área da comunicação na França e as mudanças do pensamento comunicacional francês, também destacam o processo explicado por Kuhn. Para ambos,

não se contam mais as rupturas que marcaram a trajetória, ainda que nova, das ciências da informação e da comunicação. O movimento de revisão se iniciou no final dos anos 1970. E desde então não se passa um ano sem que revistas e colóquios deixem entrever o declínio de certos paradigmas e o advento de novos (2004, p.69).

Fuentes e Lopes resumem o exposto ao acentuar que “na investigação da comunicação há diversas tradições teórico-metodológicas, que como nas ciências sociais em escala mais ampla, têm sido postas em revisão nos últimos anos” (2001, p.11).<sup>12</sup> Kuhn também acredita que a ciência “não se desenvolva pela acumulação de descobertas e invenções individuais” (1987, p.21). Para ele, diferente de acumular, no sentido de uma sequência ordenada de avanços, a ciência daria *saltos* e produziria novos conhecimentos nos períodos de revolução. Habermas destaca o que já foi referido por Kuhn quando afirma que “um paradigma só perde a sua força quando é negado por outro paradigma de uma maneira definida, isto é, quando é desvalorizado de modo que se pode julgar pertinente” (1989, p.288).

Por outro lado, Kuhn (1987) ressalta que “os cientistas também não estão constantemente procurando inventar novas teorias; frequentemente mostram-se intolerantes com aquelas inventadas por outros” (1987, p.45), o que significa dizer, conforme Kuhn, que ficam invisíveis aqueles que não se enquadram às lógicas do paradigma válido. Como já referido no início deste texto nenhum paradigma consegue sozinho resolver todas as demandas e questionamentos de uma pesquisa porque são limitados, eles acabam por restringir o avanço depois de um certo tempo.

O pensamento bachelardiano (2001) entende que o progresso científico se faz por meio de rupturas. E a reflexão quanto à ruptura epistemológica e ao obstáculo epistemológico de Bachelard (2001) explicados por Japiassu (1991) deve se fazer consciente ao pesquisador, durante a jornada de construção do conhecimento. Romper é

---

<sup>12</sup> Tradução livre do autor. Original em espanhol.

questionar, é buscar observar com olhos que não os do senso comum, inseridos numa perspectiva teórica. Marre (1991) insere o obstáculo epistemológico de Bachelard dentro de uma tríade de conceitos que norteiam como uma problemática deve ser refletida. Para ele, a dúvida, o obstáculo e a retificação devem caminhar juntos. O autor destaca que “colocar esses três conceitos e a revisão da literatura como auxiliares indispensáveis da construção do objeto não é complicar a vida do cientista, mas é atrair sua atenção sobre a provisoriedade das suas construções e a historicidade do desenvolvimento científico” (MARRE, 1991, p. 5).

Bordieu (1999) acrescenta que a problemática teórica é determinante na construção do objeto de pesquisa. Outro ponto importante nesse processo é a percepção de que a teoria que alicerça o projeto dialoga claramente com o objeto, isto é, a problematização teórica precisa ser “consciente” para o pesquisador. É entender que o arcabouço teórico precisa responder às demandas advindas do fenômeno escolhido para ser investigado.

Santos destaca que “nem todas as correntes teóricas propõem ou acham possível (ou desejável) a ruptura com o senso comum” (1989, p. 40). Quanto a esse rompimento, Maldonado dá um passo mais profundo na temática ao ressaltar que “a ruptura com o senso comum não pode confundir-se com uma ruptura com os bons sentidos” (2013, p.42), em uma alusão àquilo que pode ser fértil/produtivo para a geração do conhecimento. Já Popper (1975) acredita que para progredir é necessária a crítica. Santos complementa que a oposição “ciência/senso comum não pode equivaler a uma oposição trevas/luz” (1989, p.40), uma vez que todo senso comum tem algo a dizer à ciência.

O senso comum precisa se fazer presente, porém, não deve ser compreendido como uma verdade absoluta. As contribuições dos sujeitos comunicantes, segundo Wallerstein et al. (1996) também precisam integrar o arcabouço que busca a compreensão de um fenômeno, como na Comunicação, por exemplo. Para os autores, “um dos argumentos proferidos a favor do fim da exclusão de indivíduos das estruturas do saber foi o das implicações potenciais que esta medida teria para a aquisição de um conhecimento válido” (1996, p.83).

Gortari (1956) dá atenção aos métodos e alerta para os riscos da simples repetição de processos, em uma falsa concepção de continuidade, sem considerar particularidades ou novos ajustes, adaptações etc. A reprodução de esquemas



empobrece a pesquisa, que para ser relevante necessita que os métodos sejam problematizados. Métodos esses, que Santos (2006) acredita que devem ser mestiços, isto é, é necessária uma mestiçagem epistemológica, várias perspectivas e visões de mundo.

Morin (1986) traz à tona a questão da ruptura (não epistemológica) com o que inebria, com o que atrasa o pensamento científico. Para o autor, é mister que haja uma *quebra*, um rompimento com o que chamou de “repetição da satisfação psíquica” (1986, p.124), pois dicotomicamente o que motiva uma investigação científica também tem a força de neutralizá-la, quando, por exemplo, se repetem métodos que levam o investigador ao prazer da resposta que alivia, que traz bem-estar. Segundo o francês, é preciso detectar essas situações ansiogênicas – entre elas, as que demandam pela busca da verdade.

Nessa linha, Popper (1975) incorpora as falas de Gortari (1956) e Santos (2006) e faz uma crítica à indução por repetição. Por mais repetições que realizemos, não haverá geração de conhecimento. O método indutivo, como estratégia, só poderá gerar conhecimento se cercado de outros métodos. É preciso colocar novas questões que não estavam sendo tratadas nos períodos anteriores, inter-relações ou atravessamentos que não foram pensados antes. Santos lembra que “vivemos num tempo de repetição, e a aceleração da repetição produz simultaneamente uma sensação de vertigem e de estagnação” (2006, p.61). Para o autor, esse processo traz consequências negativas para a construção do conhecimento, uma vez que “esse nevoeiro epistemológico actua como bloqueio do pensamento e da ação emancipatórios” (2006, p.62).

Por exemplo, na área da Comunicação, os novos questionamentos que surgiram acerca da relação entre mídia e sujeitos comunicantes. Poderíamos, ainda hoje, conceber a Teoria Hipodérmica<sup>13</sup>, com suas premissas behavioristas, como um conhecimento válido para explicar as relações existentes no cenário midiático atual? O papel de uma nova configuração midiático-digital, por exemplo, não estaria, hoje, reconfigurando esse cenário e colocando em xeque todo um arcabouço teórico? E no que se refere à Teoria da Cultura de Massa<sup>14</sup>? Que resgate poderia ser feito do avanço tecnológico e dos processos comunicacionais à época para tentar compreender, hoje, a contemporaneidade

<sup>13</sup> Conforme Wolf, essa teoria é uma abordagem global aos meios de comunicação de massa, indiferentes à diversidade existente entre as diversas plataformas e que questiona os efeitos que os *mass media* têm na sociedade de massa. Na Teoria Hipodérmica, há uma relação direta entre estímulo/resposta. Para mais: Wolf, Mauro. Teorias da Comunicação. Lisboa: Presença, 1995, p.22.

<sup>14</sup> Para um aprofundamento maior, ver: Lima, L. C. Teorias da Cultura de Massa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p.13-72.

da comunicação? Como último questionamento nesta etapa de reflexão proponho as dimensões que cercam a palavra receptor. Por quais atravessamentos a compreensão de receptor passou ao longo da história da comunicação? Quantos paradigmas diferentes tentaram compreender seu real significado? Que reconfigurações a palavra sofreu ao longo do desenvolvimento do pensamento comunicacional?

Daí o valor dado ao processo de tensionamento proposto por diversos autores neste texto. Entre eles está Santos, que complementa esse quase *dever* de inquietude ao reconhecer que “do que necessitamos com mais urgência é de uma nova capacidade de espanto e de indignação que sustente uma nova teoria e uma nova prática inconformista, desestabilizadora, em suma, rebelde” (2006, p.75). A partir do exposto e, de acordo com Bachelard, uma das motivações do espírito científico é a problematização ou o questionamento. Para o francês,

em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das identidades mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza, que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar (1996, p.21).

Japiassu (1991) coaduna com Gortari (1956) e Bachelard (1996) ao destacar que uma das tarefas importantes da Epistemologia é problematizar os métodos e não simplesmente adota-los. Santos (2006) soma-se ao referido, uma vez que, para ele, não se desenvolve pesquisa por meio do cumprimento de regras. Segundo o autor, é preciso trabalhar o inconformismo, sentimento de inquietação que leva à formulação de perguntas.

Aprofundando um pouco essa jornada epistemológica, a partir da leitura de Norris (2006) lança-se um questionamento vital para os projetos de pesquisa: o que é verdade? De que maneira a concebemos? Ela se reconfigura? De que verdade estamos falando quando falamos de verdade? Para Popper (1975) esse tema é vital. Ele ressalta como fundamental a busca por um aporte teórico que se aproxime mais daquilo que se compreende como verdade do que tentaram teorias anteriores. O autor apresenta o que poderia ser um meio de se atingir esse objetivo e faz uma crítica:

Mas a busca da verdade só é possível se falarmos clara e simplesmente e se evitarmos tecnicismos e complicações desnecessárias. A meu ver, visar à simplicidade e à lucidez é um dever moral de todos os intelectuais; a falta de clareza é um pecado e a presunção é um crime. [...] Frequentemente somos incapazes de corresponder a esses requisitos e deixamos de dizer as coisas claras e compreensivelmente, mas isso apenas mostra que todos não somos suficientemente bons como filósofos (1975, p.51)

É mister compreender que novos conhecimentos somados a um conjunto já estabelecido de saberes é capaz de atualizar verdades conhecidas ou até mesmo desestruturar outras verdades dadas como pétreas. Wallerstein et al. não negam a existência de universalidades verdadeiras, porém, “o problema é que aqueles que detêm o poder social têm uma tendência natural por considerar universal a situação vigente, uma vez que ela os beneficia” (1996, p.87). A assertiva faz uma aproximação direta com Peirce (1877) e os métodos de fixação da crença, em especial o método da autoridade<sup>15,16,17</sup> – que será explorado adiante. Santos (2006) aprofunda a discussão iniciada por Wallerstein et al. (1996) sobre o que é ciência<sup>18</sup> e quem a definiu assim, ao exemplificar seu pensamento sobre o cânone literário<sup>19</sup>.

Ambos autores entendem as condições que levam um determinado conhecimento ou conjunto de saberes a assumir posição de destaque em uma dada realidade<sup>20</sup>. Se nos detivermos a um exemplo clássico: o cânone bíblico, isto é, “textos que se considera ser, no seu conjunto, a Sagrada Escritura da tradição judaico-cristã” (2006, p.67) é possível compreender esse processo: uma classe dominante que detinha superioridade política e cultural – a Igreja Católica, e que determinou, ao longo dos séculos, a versão que deveria ser contada ao mundo acerca dos personagens bíblicos,

<sup>15</sup> No método de autoridade de Peirce, a vontade do Estado e não a do indivíduo assume posição principal na sociedade. Nesse caso, ao povo são oferecidas as doutrinas corretas, ao mesmo tempo que aquelas contrárias são repudiadas. Para mais: Peirce, Charles. S. A fixação da crença. (1877) Disponível em [http://www.lusosofia.net/textos/peirce\\_a\\_fixacao\\_da\\_crenca.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf) Acesso em julho de 2015.

<sup>16</sup> N. do A.: Um exemplo de crença pelo método da autoridade de Peirce e que faz parte da história da humanidade pode ser encontrado no regime nazista alemão.

<sup>17</sup> Moles trabalha as questões da doutrina no texto *Doutrinas sobre a Comunicação de Massa*, e que se aproximam do pensamento de Peirce, em especial a doutrina dogmática. Ver: Lima, Luiz Costa. *Teorias da Cultura de Massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p.77-81.

<sup>18</sup> Para Kuhn o senso comum acadêmico é o que se entende por ciência oficial. E é preciso romper com esse senso comum, pois pouco contribui para o avanço científico

<sup>19</sup> Para Santos, o cânone literário é o resultado de uma escolha feita, em um determinado momento da história e por um grupo restrito de intelectuais e/ou instituições dominantes, sobre quais obras seriam as mais significativas e importantes para aquela respectiva cultura. Para mais, ver Santos, Boaventura de Souza. “Para uma epistemologia do Sul”. In: *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* [Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, Volume 4]. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p.66-67.

<sup>20</sup> Os Mattelart (2004, p.23) exemplificam esta realidade de hegemonia ao fazerem referência ao relatório *Savoir et savoir-faire Informatique* do especialista Maurice Nivat. No documento, o francês destaca que “tudo o que parece novo oriundo da Califórnia é considerado, *a priori*, interessante, todas as questões são colocadas em pé de igualdade e a pesquisa se dispersa na mesma quantidade de fragmentos”.

por exemplo. A *instituição* igreja foi, então, sacudida com a descoberta dos textos apócrifos, ou pseudocanônicos, que divergem dos ensinamentos presentes na Bíblia<sup>21</sup> e vão de encontro ao pensamento ortodoxo estabelecido.

A partir do exemplo do cânone bíblico, é possível compreender melhor a dicotomia que Santos (2006) apresenta entre o pensamento tradicional, estabelecido – denominado por ele como de *pensamento de raiz*, e aquele que questiona, que traz o novo, chamado de *pensamento das opções*. Para o autor, “não há a opção de não pensar em termos de raiz e opções” (2006, p.50). De um lado, o que é estável, seguro, e de outro, o que tensiona, provoca. Santos ressalta que essa equação dinâmica raiz-opções “passa por um processo de profunda desestabilização que se afigura irreversível” (2006, p.55).

Vivemos uma época em que se manifestam várias epistemes, em uma explosão de raízes e opções. Reside aí, talvez, uma característica de nosso tempo (ou que deveria ser): as colisões de linhas de pensamentos; gigantescas placas tectônicas de conhecimento pétreo, estabelecido, sendo sacudidas pela busca da verdade. Carvalho e Lage destacam que, dentro do processo de investigação científica nesse universo múltiplo de possibilidades teóricas, não é possível “aceitar como cânones princípios teóricos e metodológicos, que embora de largo uso, não correspondam à complexidade da realidade que se busca compreender” (2012, p.3). Os autores demandam uma relação de coerência entre a problematização proposta e o arcabouço teórico-empírico-analítico. Dessa forma, se faz mais frutífera a busca pelo que é entendido como verdade.

### **Considerações finais**

Este rico exercício de reflexão acerca da caminhada epistemológica no campo da Comunicação é finalizado com Norris, que afirma que “houve, ainda há, e, sem dúvida, sempre haverá verdades que estão para além do alcance do nosso conhecimento” (2006, p.44). Percebe-se ao longo desta trajetória, um conjunto sólido de autores que buscam, dentro de suas visões e perspectivas, extrair o que há de mais próximo da verdade, em uma tentativa de liberar a pesquisa das ortodoxias, problematizando os métodos,

---

<sup>21</sup> Entre os Evangelhos apócrifos, estão os de Maria Madalena e de Tiago. A intenção do exemplo referente à Bíblia é apenas ilustrativa, uma vez que entende-se as dimensões profundas do debate acerca dos livros considerados heréticos pela Igreja Católica e que não cabe aqui, neste texto, um mergulho mais denso. Pretende-se com o exemplo, abordar as duas grandes forças que apresento a seguir, à luz de Santos (2006), que são o pensamento de raiz e o pensamento de opções.

compreendendo a multidimensionalidade dos objetos. E o papel que a comunicação tem neste processo não pode ser ignorado. Não é uma afirmação jogada ao vento pelos Mattelart ao afirmarem que “a mídia ocupa um lugar primordial na transmissão dos conhecimentos” (2004, p.24). E nesse cenário, é preciso permitir a entrada de várias vozes, justamente porque, segundo Carvalho e Lage, “o aspecto mais importante é admitir que as teorias não podem pretender explicações definitivas da realidade e, acima de tudo, reconhecer a dinamicidade de toda e qualquer realidade sob investigação” (2012, p.6).

## Referências

BACHELARD, G. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

\_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BORDIEU, P. et al. **A profissão do sociólogo. Preliminares epistemológicas**. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

BOSI, E. **Entre a opinião e o estereótipo**. In: \_\_\_\_\_. O tempo vivo da memória. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, C. A. de; LAGE, L. **Pela adoção da perspectiva de pertinência em pesquisas comunicacionais**. Anais do XXI Encontro Anual da Compós, GT – Epistemologia, Juiz de Fora, 2012.

CASSIRER, E. **El problema Del conocimiento**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

FUENTES, R. N. & LOPES, M. I. V. de (comps.). **Comunicação, campo y objeto de estudio/Perspectivas reflexivas latino-americanas**. Guadalajara, México: ITESO; Universidad de Guadalajara, 2001.

GORTARI, E. de. “Domínio de la lógica” e “Estructura del conocimiento”. In: **Introducción a la lógica dialéctica**. México: Fondo de Cultura Económica, 1956.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Edições Dom Quixote, 1989.

HALLER, R. **Wittgenstein e a filosofia austríaca: Questões**. São Paulo: EDUSP, 1990.

JAPIASSU, H.. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

---

KUHN, T. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LIMA, L. C. **Teorias da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MALDONADO, A. E. **A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI**. In: Maldonado, A. E.; Bonin, J.A.; Rosário, N. Perspectivas metodológicas em comunicação/Novos desafios na prática interrogativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013.

MARRE, J. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Seminário de pesquisa do oeste do Paraná. Cascavel, outubro de 1991.

MARTINO, L. C. **Elementos para uma epistemologia de la comunicación**. In: FUENTES, Raúl N. & LOPES, Maria Immacolata Vassalo de (comps.). Comunicação, campo y objeto de estudio/Perspectivas reflexivas latino-americanas. Guadalajara, México: ITESO; Universidad de Guadalajara, 2001.

MATTELART, A. & MATTELART, M. **Pensar as mídias**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MORIN, E.. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

\_\_\_\_\_. **O método, vol. 3, O conhecimento do conhecimento**. Lisboa: Europa-América, 1986.

NORRIS, C. **Epistemologia, conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEIRCE, C. S. **A fixação da crença**. (1877) Disponível em [http://www.lusosofia.net/textos/peirce\\_a\\_fixacao\\_da\\_crenca.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf) Acesso em julho de 2015.

POPPER, K. R. **Conhecimento objetivo**. São Paulo: EDUSP, 1975.

RODRIGO, M. A. **Los modelos de La comunicación**. Madrid: Tecnos, 1989.

SANTOS, B. de. “Para uma epistemologia do Sul”. In: **A gramática do tempo: para uma nova cultura política [Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, Volume 4]**. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

\_\_\_\_\_. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

WALLERSTEIN, I. et al. **Para abrir as ciências sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

WOLF, M.. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.